

**Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar**

MAHFOUZ AG ADNANE\*

Do encontro da tradição poética tamacheque, da migração e da luta política por autonomia frente ao colonialismo francês e o Estado do Mali, a música dos Ichúmars constitui um conjunto de textos literários de grande valor histórico, cultural e artístico. Produzido na confluência de músicas ocidentais, árabes e tamacheque, a música Ichúmar é expressão inscrita na mobilidade contemporânea. O texto musical faz parte de processo complexo em que o imaginário e o real, o conflito e a cultura (BENJAMIN, 1987) estão profundamente entrelaçados no esforço de narrar os eventos do mundo os quais comportam dimensões da construção da memória e da transmissão da cultura na história. Desenvolvo um *corpus* de textos nas línguas tamacheque e portuguesa a partir de álbuns da discografia Ichúmar (1970-2010). Por meio de uma abordagem histórica e da análise da música como expressão artística e literária, o projeto tem como objetivo central analisar a produção musical como escrita poética e política tamacheque articulada à ação política e aos desdobramentos sociais e culturais que emergiram do conflito decolonial, para compreender: 1) os laços entre luta social, identidades coletivas e a narrativa musical; 2) o papel do movimento Ichúmar para a construção da memória social de/sobre os Kel Tamacheque no Mali e no exílio. Os músicos tamacheques inserem-se na concepção de resistência e de mobilização, parecem promover uma atitude face ao mundo que transforme a cultura em forma de resistência. Essa linguagem de paz pode dar que é de resistência criativa e esperançosa como quer Célestin Mongá (2010), que pode explodir em violência em contextos de repressão, entretanto, lugar à luta pelas armas.

Em que pese a presença africana na arte e cultura brasileiras, ainda são poucos os estudos referentes à produção musical africana, considerada como expressão literária e histórica. Este trabalho inscreve-se no esforço de realizar uma reflexão sobre a relação entre arte, historicidade e cultura a partir de um estudo focando a sociedade Sael-Saariana Tamacheque (Tuaregue) no

---

\* Mestrando em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP. Bolsista CNPq, membro da Casa das Áfricas. Contato: mahfouz\_adnane@yahoo.com

bojo de sua luta por autonomia desde os anos 1960. Ele visa oferecer uma discussão sistematizada sobre a palavra poética dos textos de músicas produzidos entre 1970 e 2010 por grupos de jovens do Mali e do Níger a partir da experiência da diáspora (exílio, migração para estudo e outras formas de mobilidade). Retraçamos neste estudo as bases históricas da sociedade tamacheque para introduzir a questão da relação entre as revoltas no Mali e Níger, o exílio e a produção de um movimento cultural. Assim, discute-se o exílio e migração decorrentes para apresentar a questão central de nossa temática que é o movimento Ichúmar, ou seja, a música tamacheque como expressão da resistência e forma de luta social.

### **Notas sobre a história contemporânea da sociedade Kel Tamacheque**

Kel Tamacheque (aqueles que falam *tamashaq* ou *tamajaq*) é sociedade Bérbere (*Amazigh*, homem livre) formada por descendentes dos primeiros habitantes do norte da África que ocupam atualmente um vasto território no Saara central. Os franceses popularizaram o termo *tuareg*, derivado de *tawwareq* que foi anteriormente utilizado pelos cronistas árabes medievais. Ainda segundo Claudot-Hawad a palavra *touareg* é plural e deriva do árabe: «le nom pluriel de Touareg, qui se décline Targui et Targuiat au masculin et au féminin du singulier, suit les formes grammaticales de l'arabe» (CLAUDOT-HAWAD, 1996:10). Eles designam a si mesmo por Kel Tamajak, Kel Tamashaq, Kel Tamachaq (palavras derivadas de Tamazight), ou seja, os que falam a língua *tamashaq*, *tamajak*, *tamahaq* que é língua do ramo berbere (OBENGA, 1992). Já nos anos 1960 as autoridades do Mali adotaram a forma abreviada de Tamasheq (Tamacheque), afirma Claudot-Hawad (1996:10).

Entende-se, então, sob o nome Tamacheque um vasto conjunto formando uma federação de confederações (*tumast*). Conforme ressalta Hélène Claudot-Hawad (2001:16-17). Mohamed Ali Ag Attaher (amenokal ou líder da resistência anticolonial que viveu exilado no Marrocos onde faleceu em 1994) afirma que anterior à ocupação colonial francesa os tamacheques formavam uma *tumast*, isto é, uma nação. Ag Attaher enfatiza que a *tumast* dos Kel Tamacheque não se confunde nem com os Impérios do Mali, Sonrhaï, Mossi, Haussa/Zerma, nem com o Reino Marroquino.

No século XX, assistimos à construção de fronteiras e a uma fragmentação da população do Saara. Embora se identificando como uma nação, *tumast*, a população está dividida, desde as

independências, no Mali e Níger principalmente, mas também, na Argélia, na Líbia e no Burquina-Faso. Este processo tem como marco o ano de 1904, quando os franceses passaram a controlar os territórios tamacheques e a empregar diversos meios para dividi-los. Assim, conforme assinala Girons (2008:13) surgiram as revoltas, as resistências organizadas e as lutas políticas e armada. Vimos os Tamacheques, no entanto, compor a lista de “povos autóctones” espoliados de seus direitos tal como Curdos, Palestinos, Tibetanos, Bascos, Ameríndios (GIRONS, 2008:13). As revoltas em sua resistência endêmica se sucedem desde 1881 (massacre da coluna de Flatters que pretendia avaliar as possibilidades de traçar uma estrada de ferro religando o Sudão ao Magrebe) à 2007 no Níger e 2012, no Mali.

O processo de independência que levou a fragmentação da área territorial do então Sudão Francês e às independências, a criação do que seria a ser Burquina-Faso (Alto-Volta), Senegal e Mali envolveram de forma desigual as diversas nações sociológicas que viveram sob a colonização francesa.

Na segunda metade do século XIX, o processo de colonização da França avança na direção do vale do rio Senegal conduzido pelo coronel Faidherbe para em 1892 criar a sua primeira capital: Kaye. Em 1895 a colônia do Sudão Francês foi anexada à África Ocidental Francesa (AOF), cuja capital seria desde 1899, Bamako. No ano de 1904 um decreto estabelece o território civil da Mauritânia. Em 1920 ocorria o desmembramento do território, assim as regiões do Alto-Volta e Alto-Senegal Níger separaram-se, sendo que o nome de Sudão Francês foi retomado por este último, mantendo Bamako como sua capital.

Como em diversas regiões africanas, após a segunda guerra as reivindicações de independência tornaram-se intensas. No ano de 1946, Mamadou Konaté e Modibo Keita lideraram a criação do Rassemblement Démocratique Africain em Bamako, estabelecendo a seção sudanesa. Em 1958, os eleitores do Sudão francês votaram pela criação da República sudanesa no bojo da Comunidade francesa. Esta iria se aliar ao Senegal para criar a Federação do Mali que conseguia sua independência em 20 de junho de 1960. Pouco depois a Federação divide-se e em 22 de setembro a República do Mali foi proclamada por Modibo Keita.

Essa forma de independência não era desejo do conjunto das sociedades sob a colonização francesa. A situação dos tamacheques é exemplo eloquente da complexidade dos acordos de independência. Os tamacheques entendiam que haviam lutado e perdido militarmente a guerra

contra os franceses, mas não podiam nem compreender nem aceitar que estes dessem o comando a povos que não o tinha conquistado pelas armas, caso dos bambara no Mali e dos djerma no Niger.

A resistência permanecia uma atitude profunda e constante. Conscientes de que a presença francesa deveria acabar um dia, alguns chefes (*amenokal*) fizeram diversas tentativas seja de preparar seus filhos para a nova situação que viria com possível independência, seja para buscar apoio e explicitar o desejo de autodeterminação que os animavam além de sua distância e recusa de serem administrados por outros povos do sul como os quais não possuíam laços culturais e históricos. Foi assim que, entre outras iniciativas, uma carta foi enviada a em 30 de maio de 1958 (BOILLEY, 1999: 292) por notáveis das sociedades do norte (Tamacheque, Mouro e Songhai) ao presidente da França em que manifestam sua vontade de permanecerem separados politicamente e administrativamente o mais rapidamente possível do Sudão Francês (BOILLEY, 1999; GIRONS, 2008; CLAUDOT-HAWAD, 1990, 1996, 2001). A resposta resultou em vários anos de prisão para dois dos chefes que assinaram a carta além de acusação de colaboração com os colonizadores e de racistas. A sociedade tamacheque experimentou e experimenta ainda no período pós-independências imensos obstáculos à sua emancipação de subordinação iniciada pela ocupação francesa. As independências deixaram-nos diante de três caminhos: a submissão, a luta armada ou o exílio.

As expressões desse mal estar são inúmeras, entre elas: a revolta de 1963, as rebeliões de 1990 e 2006 e a luta armada de 2012 que no momento em que escrevemos este projeto se trava entre as forças armadas do Mali e o Movimento Nacional de Liberação da Azawad (MNLA). Cada uma dessas rebeliões além a pobreza, condições ambientais fragilizadas por grandes secas e falta de trabalho e perspectiva gerou grande número de exilados e hoje, podemos falar de uma verdadeira diáspora, sobretudo, nos países do norte da África. O número de refugiados desencadeado pela luta em curso já ultrapassa cem mil pessoas. A população considera-se entregue a um país que jamais os aceitaram e no qual não se reconhecessem; sem política de desenvolvimento regional, ficaram marginalizados, submetidos a várias formas de injustiça. A questão atual, cantado em versos e a empunhar canhões, revela-se como um problema da descolonização.

### **Exílio, migração: as rebeliões ou a resistência Tamacheque**

A situação tamacheque tem sido tratada como importante, mas localizada. Notamos que desde o movimento de independência, passando pela revolta de 1963 e rebeliões subsequentes, os tamacheques tiveram que se haver com dimensões geoestratégicas e econômicas africanas e mundiais com atores e interesses múltiplos.

Atento à urbanização saariana, Pliez (2003; 2006) trabalhou com seu estudo sobre Fezzan (Líbia) uma importante chave de leitura para compreender os conflitos presentes no maior deserto do mundo. Pergunta o autor se o Estado da Líbia, rico devido à venda de petróleo, tenha deliberadamente desejado fixar as populações e dar contorno mais definido para seu território nacional. A implantação de AREVA, o conglomerado francês de empresas energia nuclear para extração do urânio, no Níger há mais de 40 anos impôs uma condição de vida terrível às populações nômades tanto ecologicamente como em termos de saúde. O autor insiste que a persistência da resistência deriva da pilhagem de seu território mesmo após as independências.

Em 1963, os Tamacheque revoltaram-se contra as autoridades do novo país. Foram fortemente reprimidos, com fortes confrontos e perdas humanas. Os anos seguintes foram seguidos de grande seca (1973-1974), milhares de pessoas do norte do Mali partiram - para o sul da Argélia (Tamarasset), mas também, Níger e Líbia – buscando refúgio e formas de sobrevivência. É no sofrimento que nasce o movimento Teshumara que afirma a existência e a necessidade de renovação da sociedade (Ag DOHO, 2010). A situação de um Saara aprisionado por fronteiras põe em causa as novas e antigas circulações afirma Olivier Pliez (2006: 688). As secas dizimam sua única riqueza, transformados e reduzidos a uma frágil economia pastoril em região ecologicamente sensível, sem política de desenvolvimento alternativo, muitos se dirigiram para as cidades, trabalhando como artesões ou guias. O exílio tornava-se uma exigência para a sobrevivência. As rebeliões explodiram, reprimidas a cada vez, reapareceram em intervalos curtos após acordos de paz não realmente cumpridos ou suficientes. Anne Girons (2008) publicou recentemente uma das poucos estudos específicos sobre as rebeliões, massacres e exílios.

### **Ichúmar: música tamacheque de resistência. Juventude das armas e da guitarra**

Ichúmar é uma derivação da palavra «chômeur» (desempregado) usada para se referir aos jovens tamacheques que a partir dos anos 1963, deixavam suas aldeias para trabalhar. Vincula-se, então, às gerações que conheceram a seca, a migração, o exílio e, também, os campos de treinamento na Líbia (1980-1990). A música dos Ichúmars era inicialmente designada entre eles por *issuf* (nostalgia). Mas, ampliou-se e passou a ser usada para se falar de um/a jovem que começa a ganhar certa independência pessoal. Ela foi, inicialmente, censurada no Mali e no Níger, mas suas músicas de reivindicações, de guerra, de política e d'amor, circularam em toda região Tamacheque como um chamado aos jovens para pegar as armas e integrarem-se à rebelião dos anos 1990. Hoje, após os acordos de paz, os concertos se multiplicam em seus países e no exterior, sobretudo na Europa. No texto da canção *Amidinine* (mon compagnon, mon ami) de Terakaft do Mali, hino do movimento, evoca-se a união para permitir a luta e para superar o sofrimento, descobrindo ou retirando o que estava velado:

*Meu companheiro com quem partilhei lembranças e sofrimentos.*

*Lembre-te de nossas descobertas e do que vivemos juntos!*

*Juntos poderemos descobrir o que o mundo esconde.*

*Diga aos outros para recitar mais e para rezar com seus rosários.*

*Saiba que desta vez, viveremos o que tocou a nós*

*Se vivermos juntos, resistirás a cada momento de conflito (de disputa)*

Do encontro da tradição poética tamacheque (Moussa e Casajus, 1992), da migração e da luta política, a música dos *Ichúmars* constituiu um conjunto de textos literários de grande valor histórico, cultural e artístico. Com estilo único, produzido na confluência de músicas ocidentais, árabes e tamacheque (da cultura oral tradicional), a música Ichúmar é expressão intensamente inscrita no presente e na mobilidade contemporânea. Ela fez da guitarra a passarela, o instrumento fundamental dos roqueiros do *teneré* (deserto em sua língua) para uma comunicação ao mesmo tempo enraizada e interna (para os jovens tomarem consciência e aderirem à luta) e, igualmente inovadora e externa, para sensibilizar e tornar conhecida sua causa para fora das fronteiras desta antiga sociedade do Saara.

Numerosos são os grupos e músicos que seguiriam. O primeiro e já renomado internacionalmente é o grupo Tinariwen (desertos em tamacheque) que foi criado por jovens de Kidal (Mali) em 1979. Sua imagem é emblemática e ligada a do músico-soldado. Ou seja, Tinariwen está no imaginário coletivo como rebeldes tamacheques empunhando uma

metralhadora numa mão e uma guitarra na outra. Mas Há ainda outros grupos como Terakaft e Tartit. Terakaft (caravana na língua tamacheque) foi formado em 1992 e mantém com laços estreitos com Tinariwen. Tartit (união) é um grupo criado no início dos anos 1990, sendo formado apenas por mulheres. Todas são elas originárias da região de Tumbuctu e encontravam-se no campo de refugiados Bassikounou na Mauritânia.

As dominações coloniais e pós-coloniais conhecem diferenciações importantes na história tamacheques quando passa da ocupação francesa para o controle das sociedades do sul, em 1960. Assim, para entender a opressão pós-colonial, temos de analisar o colonialismo por meio dos marcos históricos e, igualmente, construir entendimentos específicos no bojo da vida cotidiana. Além disso, é necessário analisar a história das relações entre as culturas e as sociedades que foram incluídas nos limites dos Estados- Nação em África. O historiador de Camarões, Achille Mbembe, questionou a descolonização em África e tem aberto o debate sobre uma epistemologia da África e não sobre África, ele convida ao entendimento de África fora da noção de ausência, de falta. Para Achille Mbembe como para Célestin Monga, a questão pós-colonial implica num questionamento em que a crítica ao colonizador europeu não é suficiente, pois se encontram no centro de seus questionamentos as relações de opressão e de violência que se erguem, também, no bojo das relações entre sociedades e povos africanos. A colonialidade se desdobra dentro de uma ideologia desumanizante que, em muitos casos, faz com que a revolta dos colonizados sejam sistematicamente seguidas por repressão sangrenta. A poscolonialidade é, então, um mundo onde o sagrado e a profanação segem lado a lado e onde a "obscenidade" atinge somente a plebe. Neste mundo, o sentido é banalizado. Governantes em seu afan de sagralizações podem solenizar e formalizar os fatos mais triviais e os impor a seus governados. Na esfera econômica, as lacunas em Estados em falência têm sido expostas. As desigualdades gritantes servem de justificação para golpes de Estado que não alteram a situação uma vez no poder. A África também deve fazer face ao aumento da desigualdade. Achille Mbembe (2010) e Célestin Monga (2010) interrogam a África contemporânea e questionam as responsabilidades das elites. Nesse sentido esses autores abrem para mim um horizonte importante de interlocução. Antonacci no texto intitulado «Decolonialidade de corpos e saberes: ensaio sobre a diáspora do eurocentrado»,

juda-nos a refletir sobre as múltiplas dimensões em que o colonialismo se manifesta - como uma ideologia - para dentro do pós-colonialismo. Ela disse:

“Saberes locais, experiências e atividades vivenciadas e incrustadas no corpo – locus em que são codificadas e preservadas crenças, hábitos, valores, funções e informações, repassadas em rituais compartilhados com seus ancestrais e novas gerações – foram renegados pelo pensamento sistêmico” (ANTONACCI, 2009: 1).

Por meio de uma abordagem histórica e de análise da música como expressão literária, a pesquisa que realiza interroga a tomada de consciência de uma parte da juventude Tamacheque dos anos 1960. Isso se faz, portanto, em uma cultura que conheceu a colonização francesa<sup>1</sup> (1893/4 -1960) e em seguida à independência e a criação do Estado do Mali, viu-se politicamente e economicamente subordinada à outra capital distante e desconhecida: Bamako (1960-2012). Nesses dois períodos os Tamacheques fizeram sentir sua resistência pela luta armada e pela resistência cultural e identitária. Tornaram-se conhecidos como guerreiros aos quais muitas estereótipias foram se sobrepondo. A partir de 1960, sob a condução dos governos do novo país, as revoltas, rebeliões e resistência cultural foram expressões que se renovaram.

Eu busco compreender as motivações da juventude tamacheque no interior de um processo de mudança em que componentes culturais e expressivos interagem - a música tradicional do tende e prática do Imzad (respectivamente, ritmo e instrumento tradicional), os ritmos árabes e o *rock and roll* dos anos 1950 dos EUA (com os quais os jovens tamacheques entram em contato no exílio) - e, a história política e econômica na qual emergiu um movimento cultural Ichúmar. A música é expressão híbrida e forma cultural fortemente aberta a influências, sobretudo nesses contextos de nomadismo e exílio.

No trabalho desses últimos meses, o foco foi sobre a história que envolve o período colonial até a primeira revolta, de 1902 a 1963. Destacamos como temáticas para análise os momentos históricos e de contextos existenciais fundamentais da sociedade tamacheque no Mali e Níger:

---

<sup>1</sup> Podemos tomar como referência para o estudo do colonialismo francês em meio Tamacheque o ano de 1894 (ano da tomada de Timbuctu) a partir de qual uma série de batalhas serão favoráveis à França e 1960, ano em que os tamacheques se viram divididos em cinco estados independentes. Cabe ressaltar que essa ocupação ocorreu em duas frentes: uma vinda do norte, da Argélia e, outra vindo do oeste, a partir da costa Senegalesa e da Mauritânia.

1) Resistência anti-colonial tamacheque; 2) *Amenokal* Mohamed Ali Ag Attaher Al-Ansari, líder da resistência cultural: e sua luta pela educação; 3) Resistência cultural e luta pela identidade e autodeterminação de sociedade fragmentada em cinco países.

### 1) *Resistência anticolonial tamacheque*

Poucos anos antes da Primeira Guerra Mundial, o mundo Tamacheque foi ocupado militarmente pela França com consequências graves. Os movimentos de resistências nascem primeiro, em torno à brusca mudança econômica que dificultava muito a continuidade do comércio trans-saariano. Para estes era um golpe para seu modo de mobilidade: mobilidade pastoral devido ao controle dos deslocamentos, a mobilidade política (que era baseada na confrontação das federações - unidades políticas tamacheques – dentro de uma confrontação de poderes políticos e de guerra), a mobilidade da riqueza devido aos impostos, a mobilidade das trocas que se transformam com a presença e controle francês e, finalmente, a mobilidade das negociações políticas. Os Tamacheques vivem esta submissão ou restrição às suas formas de mobilidade como violência política e como motor da ação contra o poder colonial. Esta situação não se alteraria com a independência do Mali e, inúmeras revoltas e rebeliões surgiram seguidas de repressão e inúmeros exilados.

A etapa final da conquista da Argélia pela França corresponde à conquista dos territórios ao sul, concluída em dezembro de 1902, após a batalha de Tit, pelo tratado de submissão da confederação liderada por Kel Ahaggar do Saara. Foram estabelecidos os Territórios do Sul ainda em 1902 os quais seriam então, vinculados à Argélia e anexados à França sete de agosto de 1957 pela criação de dois departamentos do Saara (Saoura a oeste e Oasis a leste). Compreende-se, assim a importância da Argélia e a ocupação do Saara com a criação do Saara francês como momento fundamental da história contemporânea tamacheque. Estes se organizavam por confederações tendo cada um seu próprio *ettabel* (tambor) e um *Amenokal* (plural *Imenokalan*). Mas a resistência continuaria, sendo os tamacheques os últimos na África do Oeste a serem submetidos militarmente pelos franceses.

Na região de Timbuctu, por exemplo, os chefes da comunidade Kel Ansar ou Kel Antessar - espaço compreendido entre a fronteira da Mauritânia atual até o Bourem, na região de Gao, e a fronteira da Argélia em In Khalil - Mohamed Ahmed Ansari conhecido como Ingonna,

Doua-Doua Ansari, Mohamed Ali Ag Doua Doua Ansari e Mohamed Ali Ag Attaher Ansari marcaram a história do Saara Central pela por seus feitos militares e visão política. Os Kel Ansar eram além de guerreiros, grandes letrados, marabus e intelectuais.

Após a morte do grande líder Kel Antessar Ingonna em 1898, a confederação se deslocou, um novo poder foi introduzido pelos colonizadores franceses, o qual não respeitaram critérios para a eleição de Amenokal. A colonização francesa marcaria, por conseguinte, seu declínio político, militar e econômico. Mohamed Ali Ag Attaher buscou recuperar por meio de estratégias políticas com sucesso relativo não fosse a fragmentação - ainda mais crucial - dos tamacheques com independência do Mali em 1960. Ele foi forçado ao exílio no Marrocos, onde morreu em 1994. A diáspora Kel Antessar levou constituição de comunidades de exilados do Mali, vivendo principalmente na Argélia, Arábia Saudita e Líbia, mas, também no Níger, Mauritânia e Marrocos.

Em 1903 viria o controle político e militar dos Tamacheques Oulliminden (liderados pelo *aménokal* Firhoun) e dos Ifoghas. Entretanto, cabe salientar a divisão interna alimentada pela França e que Moussa Ag-Amastane, o *aménokal* do Hoggar, permanecia aliado ao colonizador. Em 16 de abril de 1904 a missão Joalland-Meynier e a missão Foureaux-Lamy buscavam fixar as fronteiras entre Argélia e Sudão marcando o início do Saara Central e Oriental (entre o lugar do encontro entre coronel Laperrine e o capitão Théveniaut no poço de Timiaouine e o de Ouzel situado a noroeste). Após a batalha de Ti (1902, diversas missões realizaram expedições e reconhecimento do território, buscando pacificar a região: Guillo-Lohan (1902); Besset e Laperrine(1903); Laperrine (1904); Lieutenant Voinot (1905-1906) no Hoggar; Hoggar e Aïr, Capitão Dinaux (1905); Lieutenant Mussel (1905) em Ahnet; Lieutenant Cannac (1906) em Tassili; Iférouane Lieutenant Clor (outubro 1906); Agadès lieutenant Clor (1906); Touchard à Temassint (1906-1907).

As zonas de influência do governo geral da África Ocidental Francesa (AOF)<sup>2</sup> e possessões francesas no norte da África foram estabelecidas por acordo em sete de junho de 1905, em Paris, entre Ministérios do Interior passado e das colônias. O limite foi definido por uma linha

---

<sup>2</sup> África Ocidental Francesa: federação formada entre 1895 e 1958 de oito territórios franceses correspondendo a: Mauritânia, Senegal, Sudão Francês (atual Mali), Guiné, Costa do Marfim, Níger, Alto Volta (atual Burkina Faso) e Daomé (atual Benin).

imaginária entre Cabo Nun no sul de Marrocos, em direção a Tin Zaouaten passando por In Ouzel no norte e Timiaouine ao sul e inscrevendo-se na direção de Mourzouk<sup>3</sup>.

Na região de Aïr, Kawsan, o líder de Ikazkazen do Aïr conduziu entre 1916 e 1918 uma revolta geral dos tamacheques contra a colonização francesa para o qual mobilizou uma rede de relações sociais, comerciais e políticas. O episódio foi estudado por diversos autores que consideram (BOURGEOIS, 1979; CASAJUS, 1990; TRIAUD, 1999; HAWAD, 1990; CLAUDOT-HAWAD, 1990, 2001). O movimento Ichúmar (*Ishumar*) é um herdeiro simbólico e, também, das estratégias de luta de guerrilha da luta armada (contrário aos códigos de honra das práticas históricas de luta dos Tamacheques) por autonomia e investimento no desenvolvimento (de 1963 a 2010) ou independência (em 2012).

## 2) *Mohamed Ali Ag Attaher Al-Ansari, líder da resistência cultural e da luta pela educação tamacheque*

A escolarização dos Tamacheque é muito baixa desde o período colonial até nossos dias. A falta de estudo formal tem sido percebida pelo movimento *Ichúmar* como uma fonte de marginalização da colônia ao pós-independência. Lembrando que suas perspectivas econômicas foram bloqueadas pelo cerceamento de sua mobilidade no Saara e pela fragmentação em Estados e regiões administrativas diferentes. Estes fatores colaboram para a emergência de crise da pastorícia e do comércio através do Saara. Os Kel tamacheque formavam uma única *tumast* antes da ocupação francesa, isto é, pertenciam a uma nação segundo *Amenokal* Mohamed Ali Ag Attaher al-Ansari (*amenokal* ou líder da resistência anticolonial que viveu exilado no Marrocos onde faleceu em 1994). Ele enfatizava ainda que a *tumast* dos Kel Tamacheque não se confundia nem com os Impérios do Mali, Sonrhäi, Mossi, Haussa/Zerma, nem com o Reino Marroquino.

A *Canção Chaghat* (Álbum: Akal, ou seja, país) do grupo *Atri N'Assouf*, gravada em Tamanrasset em 2010. Ela é interpretada pelo líder do grupo Hassou com participação de Abadallah de Tinariwen e de Disco do grupo Tartite. Nela, os artistas chamam a atenção da comunidade tamacheques para a importância de estudos:

---

<sup>3</sup> *Le Sahara et limafoxromeo*, on line, Historique des Compagnies Méharistes : <http://sitelimafox.free.fr/HistoCM/HSTDM.htm>

não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas  
sem instrução e sem saber  
não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas  
sem instrução e sem saber  
pois vocês têm boas escolas  
sejam elas islâmicas, laicas ou religiosas!  
não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas  
sem instrução e sem saber  
qualquer que seja sua escolha, ela só poderá ser benéfica!  
Os líderes do nosso mundo,  
todos começaram na escola  
nenhum deles é analfabeto!  
não deixem que nossos jovens deixem o país  
sem conhecer sua língua e sua cultura  
não deixem que nossas crianças vaguem sozinhas pelas ruas  
sem instrução e sem saber

### *3) Resistência cultural e luta pela identidade cultural e autodeterminação de sociedade fragmentada em cinco países*

*Onde estão vocês? ("Aytma Madjam ?")* do grupo Tamikrest traz canto forte de uma nova geração em que música é luta:

Onde estão vocês meus irmãos?  
Onde estão vocês meus irmãos?  
Reclamemos de uma vez por todas, todos os nossos sonhos  
Para alcançar nossos objetivos  
Homens (irmãos), por que (apenas) assistem e por que esta paciência?  
Tantos problemas que continuam a crescer.  
Nós vemos nossas irmãs suportar muita miséria  
Nunca perdem a esperança, apesar da opressão.  
Nossa terra está dividida, outros países foram fundados sobre ela.  
Fronteiras foram traçadas  
Meu povo está dividido, marginalizado.  
Tornou-e estrangeiro em seu território.  
Saibam que ele foi privado e não tem mais nenhuma autoridade.

O sentimento de ser estrangeiro em sua terra é retomado em prosa e poesia. Do exílio nascem as canções de nostalgia (*issuf*), temática recorrente e intensa, como na canção do Álbum Tassili, Assuf D'Alwa (nostalgia e solidão).

Oh! Saudade, solidão e desespero!  
Eu sou um prisioneiro do tempo  
É em tempos difíceis que nós compartilhamos a dor  
Quando compartilhamos uma xícara de chá  
Amor mágico que eu levo àquele rosto radiante  
Alivia minha solidão e minha melancolia  
Eu passo de amigo em amigo, a fumaça me fala,  
Meus pensamentos me contam histórias.

Também em Tameyawt (nome de uma vila na fronteira entre Mali e Argélia) é dor e saudade que soam nos acordes da canção:

Como sinto falta Tameyawt!  
De suas paredes de adobe  
A aldeia novamente verde  
E pedras sua montanha lisas e longas  
Minha terra é Timyawin  
Timetren até a outra encosta da montanha  
Meu país é Afara  
E os poços de Assamalmal e de Assawa  
Eu vou subir a montanha de Tarawant  
Lá em cima vou sacrificar uma cabra bonita  
Vou grutar de alegria que será ouvido  
por todo o caminho até Tessalit.

Os jovens Ichúmars preservavam os laços com suas famílias e as responsabilidades face às suas comunidades, mantendo-se como fontes de recursos econômicos mesmo enfrentando precárias condições de trabalho. A distância reduz aos poucos as hierarquias sociais entre eles no processo de migração em que se confronta com outras referências culturais, árabe e ocidental. Eles desenvolvem novas formas de solidariedade independentemente dos laços de linhagem e criam redes de comunicação entre grupos da diáspora. Esses fatores gradualmente produzem uma identidade que reivindica especificidades. “Nossas primeiras fitas-cassetes eram cartas enviadas para o nosso povo. Nós usamos a música para evocar a solidariedade, a preservação de nossa cultura.” disse Eyadou Ag Leche, do grupo Tinariwen, na entrevista feita por François-Xavier Gomez (2012).

O impacto da migração e da experiência comum no exílio viu diminuir a identificação das federações políticas tamacheques (tais como: Kel Adagh Mali, o Níger Gress Kel, etc) para dar lugar a um crescente sentimento de unidade o que pode ser observado em diversas canções de Intiyaden Ag Ablil, artista que formou com Ibrahim Abraybone e Alhassan Ag Touhami o grupo Tinariwen. Seus membros eram originários de Tessalit, um oásis no deserto do Saara no norte do Mali. Os três amigos compartilhavam um violão acústico até que o grupo "*les voix du hoggar*" deu a eles uma primeira guitarra elétrica. Depois do exílio na Argélia, Ibrahim, Intayeden, Alhassan encontram Alhousseini Ag Abdoulahi, Kedhou ag Ossad, Mohammed nos campos de treinamento na Líbia e, assim, o grupo ganhava novos membros. Todos voltaram ao Mali no momento da rebelião de 1990 e integram o Movimento

Popular da Azawad, liderado por Iyad Ag Ghali. Teria sido Iyad que teria ajudado a financiar a compra de instrumentos musicais.

Após a assinatura do Pacto Nacional em 1992 em Tamanrasset, e o retorno da paz, o grupo passou a se dedicar à divulgação da cultura tamacheque por meio de sua música e letras. Assim, os membros do grupo que participaram da rebelião foram trocando as armas por instrumentos musicais, a luta armada pela luta cultural.

No início dos anos 1990 o termo *achaamor* (singular de *Ichúmar*) passou a se referir igualmente a formas de exclusão do ensino formal vivido no meio tamacheque tanto no Mali como no Níger. O tema da escola, do estudo como necessidade e como fragilidade diante da emergência do Estado do Mali tem sido recorrente em suas músicas. A escolarização dos tamacheques é ainda muito inferior a de outros povos que compartilham o território do Mali e do Níger. Essa diferença tem origem no período colonial, na política francesa e do Mali e Níger assim como na desconfiança da sociedade tamacheque diante da escola colonial.

A arte constitui um vetor privilegiado da *palavra da rebelião* e que o *corpus* formado pelas canções formam conjunto de textos literários de grande valor histórico, cultural e artístico. Ela cobre a luta política com uma dimensão de luta pacífica focada nas mudanças e na criação em que a música ocupa um lugar de destaque. Ressalto que identidade coletiva para os Kel Tamacheque é fortemente baseada na língua e que a disseminação da cultura de resistência e da sua gradual transformação em cultura da sociedade tamacheque está vinculada, em grande parte, à música e do movimento ichúmar.

Desde o início de 1980, as fitas de áudio das primeiras canções foram um enorme sucesso. As mensagens são de mensagens simples e claras que refletem o mundo tamacheque que mundo estava chegando. Hoje, novos grupos circulam continuamente, intensa mobilidade para a Europa e para os Estados Unidos.

No entanto, os músicos tamacheques inserem-se na concepção de resistência e de mobilização. Trata-se de promover uma atitude face ao mundo que transforme a cultura em forma de resistência. Essa linguagem de paz pode dar, entretanto, lugar à luta pelas armas. Entendo que poderíamos falar de uma resistência criativa, esperançosa com quem Célestin Mongá (2010), mas nem sempre pacífica. Ela está pronta para explodir em violência e fazer

uso de armas, particularmente por aqueles os que conheceram a repressão do estado. No texto da canção *Amidinine (mon compagnon, mon ami)* de Terakaft do Mali, hino do movimento, evoca-se a união para permitir a luta e para superar o sofrimento, descobrindo ou retirando o que estava velado:

*Meu companheiro com quem partilhei lembranças e sofrimentos.  
Lembre-te de nossas descobertas e do que vivemos juntos!  
Juntos poderemos descobrir o que o mundo esconde.  
Diga aos outros para recitar mais e para rezar com seus rosários.  
Saiba que desta vez, viveremos o que tocou a nós  
Se vivermos juntos, resistirás a cada momento de conflito (de disputa)*

O Tinariwen, o grupo mais conhecido e difundido, ganhou o melhor álbum de World Music Grammy em 2012. Um de seus fundadores Ibrahim Ag Alhabib testemunhou aos quatro anos de idade a execução de seu pai, após a insurreição de 1963 em Kidal, no Mali. Eles começaram com músicas de protesto que ream, na época, gravadas e distribuídas livremente a todos que lhes desse uma fita virgem. Tinariwen produziu canções com referências diretas a rebeliões anteriores e à luta: "Mano Dayak", em homenagem ao líder e a emblemática "Sessenta e três".

A defesa da cultura se faz cada vez mais intensamente por meio da defesa da vida e da língua tamacheque que e eles entoam como uma forma de celebração de uma tradição inserida em práticas africanas. Estudar a história da Ichúmars significa então, trabalhar sobre o colonizado a quem é imposto viver como um estrangeiro dentro de sua terra (ATONNACCI, 2011). Talvez não haja muitos estudos sobre a opressão exercida pelos Estados pós-coloniais e sobre as relações de subordinação entre duas culturas africanas após a independência mesmo se é possível observar que as injunções entre cultura/natureza, arte/vida/ corpo de conhecimento, tradições/atividades funcionais que constituíram atributos de povos africanos e nativos americanos como sinais de raças e civilizações inferiores, atravessaram a modernidade e persistem, sendo reatualizadas por alteridades e comunidades transnacionais (ANTONACCI, 2011).

É preciso dizer que a música Ichúmar é uma expressão contemporânea e uma resposta de uma cultura diante de uma política de Estado que a "nega" e marginaliza. Mas, ela é, igualmente, demonstração de desejo de mudança de da juventude a partir da experiência de coabitação

com outras culturas e estílos musicais e, da vontade política de transformar relações de poder arraigadas. Ela é, talvez, um espaço de diferenciação que permite mudança, trocas e criação. Esta forma de resistência busca o apoio de outras sociedades, especialmente na Europa, para valorizar sua rica cultura e legitimar seu modo de vida nômade em um mundo em que a mulher guarda um lugar central na vida política e comunitária. A imagem de homens com véu e as mulheres livres é frequentemente colocada em evidência. O movimento *Ichúmar* religa os jovens, os homens, as mulheres de diferentes gerações desde a independência do Mali e do Níger. *Tartite*, grupo formado por mulheres é o embaixador da cultura tamacheque em vários países, permitindo descobrir a poesia de sua sociedade e o apelo à unidade.

### Referências bibliográficas

- Ag DOHO, S.A. *Touareg 1973-1997. Vingt-cinq ans d'errance et de déchirement*. Paris: L'Harmattan, 2010.
- ANTONACCI, M. A. M. « Decolonialidade de corpos e saberes: ensaio sobre a diáspora do eurocentrado ». Pesquisa financiada pelo CNPq, no período de 2008/2011. Versão preliminar deste ensaio foi apresentada no I Seminário Internacional Áfricas: historiografia e ensino de história, Salvador e Florianópolis, 2009. [« Dé-colonialité des corps et des savoirs; essai sur l'eurocentrisme dans la diáspora ». In: *L'esclavage de l'africain en Amérique du 16 au 19 siècle. Les Heritages*, 2011, Perpignan. Anais do.). Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan & Association DODINE, 2011. v. 1. p. 101-117. [Traduit en français par Fernanda Murad Machado]
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.
- BOILLEY, P. *Les Touaregs Kel Adagh. Dépendances et revoltes : Du Soudan français au Mali contemporain*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- BOURGEOIS A. 1979. Les échanges transsahariens, la Senusiya et les révoltes twareg de 1916-1917, Cahiers d'études africaines n°69-70, 159-185.
- CASAJUS, A. « Islam et noblesse chez les Touaregs ». *L'Homme*, v. 30, n.3, p. 7-30, 1990.
- CLAUDOT-HAWAD H. Honneur et politique. Les choix stratégiques des Touaregs pendant la colonisation française, *REMMM* n. 57, p. 11-47, 1990.
- CLAUDOT-HAWAD, H. *Voix solitaires sous l'horizon confisque*. Aix-en-Provence: Édisud, 1996.

- CLAUDOT-HAWAD H. *Éperonner le monde. Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs*, Édisud: Aix-en-Provence, 2001.
- CLAUDOT-HAWAD H. « Kawsan », in Encyclopédie berbère, 27 | Kairouan – Kifan Bel-Ghomari, 2005. Disponível em: <http://encyclopedieberbere.revues.org/1316> Consultado em 09/10/2012. Acesso em 10 de fevereiro de 2013.
- MBEMBE, A. *Sortir de la grande nuit : Essai sur l'Afrique décolonisée*. Paris : Éditions La Découverte, 2010, 243 p
- MONGA, C. *Nilismo e negritude*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MOUSSA, A. e CASAJUS, D. *Poésies et chants touaregs de l'Ayr*. Paris : Awa/L'Harmattan, 1992.
- OBENGA, T. « Le chamito-sémitique » n'existe pas. *ANKH*, n.1, p.51-58, 1992. Disponível em: [http://www.ankhonline.com/ankh\\_num\\_1/t\\_obenga\\_le%20chamito%20semitique.pdf](http://www.ankhonline.com/ankh_num_1/t_obenga_le%20chamito%20semitique.pdf) Acesso em 20 de março de 2013.
- PLIEZ, O. *Villes du Sahara. Urbanisation et urbanité dans le Fezzan libyen*. Paris : CNRS Éditions, 2003. 200 p.
- PLIEZ, O. « Nomades d'hier, nomades d'aujourd'hui, Les migrants africains réactivent-ils les territoires nomades au Sahara ? », *Annales de Géographie*, n.652 (6/2006), p. 688-707, 2006.
- GIRONS, A.S. *Les rébellions touarègues*. Paris: Ibis Press, 2008.
- GOMEZ, F.-X. « Tinariwen, branché désert ». Entretien avec Ag Leche. Paris, *Libération*, 2 de abril de 2012. Disponível em: <http://next.liberation.fr/culture/01012399782-tinariwen-branché-desert>. Acesso em 21 de abril de 2012.
- HAWAD, A. La teshumara, antidote de l'État, *REMMM* n. 57, p. 123-140.
- TRIAUD J.-L., 1999. Kawsan : analyse d'un discours politique (1916-17), in Poncet Yveline (ed.). *Les temps du Sahel : en hommage à Edmond Bernus*. Paris : IRD, 1999, p. 149-172.